

8

Referências Bibliográficas

ALLIEZ, E. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo : Editora 34, 2000.

AGAMBEN, G. **Infancia e historia** : destrucción de la experiencia y origen de la historia. Buenos Aires : Adriana Hidalgo Editora, 2001.

AGUIAR, A. A. **A psiquiatria no divã**: entre as ciências da vida e a medicalização da existência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

_____. **Entre as ciências da vida e a medicalização da existência**: uma cartografia da psiquiatria contemporânea. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Municipal Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/2d_Aguiar_47130903_port.pdf Acesso em: 29 abr. 2011.

ANGELUCCI, C. B. ; SOUZA, B. Apresentação. In: **Medicalização de crianças e adolescentes**: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ALTHUSSER, L. **Idologias e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa : Editorial Presença, s/d.

AQUINO, J. G. O mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão. In: _____ (Org.). **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

ARAUJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2008

ARENDT, H. A Crise na educação. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 221-247.

AVELLO, J. J. A.. **Para leer a Ferenczi**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1998.

BALINT, M. Prefácio do Dr. Michael Balint. In : Ferenczi, S. **Obras Completas**, Psicanálise I. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BENTHAM, S. **Psicologia e educação**. São Paulo : Ecições Loyola, 2006.

BEZERRA JUNIOR, B. Winnicott e Merleau-Ponty : o *continuum* da experiência subjetiva. In: _____ ; ORTEGA, F. **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

BIRMAN, J. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: _____ **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOLLAS, C. **Forças do destino**. Psicanálise e idioma humano. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

BOKANOWSKI, T. **Sándor Ferenczi**. São Paulo: Via Lettera, 2000.

CAMARGO JR., K. **Biomedicina, saber e ciência**: uma abordagem crítica. São Paulo: HUCITEC, 2003.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, R. **História da vida privada**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CIFALI, M. ; IMBERT, F. **Freud e a pedagogia**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

COHEN, R. H. P. **A lógica do fracasso escolar**: psicanálise e educação. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

COLLARES, C. A. L. ; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar**. Ensino e medicalização. São Paulo : Cortez-FE/FCM Unicamp, 1996.

COSTA, M. V. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Controle e devir**. In : _____ **Conversações, 1972-1999**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992a.

_____. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In : _____ **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992b.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Instinto e Instituições [1955]. In: _____. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DUPAS, M. A. **Psicanálise e educação: construção do vínculo e desenvolvimento do pensar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

ESCUDEIRO, M. L. O transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e a atribuição de causalidade. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2001.

FEDERN, E. ; NUNBERG, H. (Eds.) **Minutes of the Viena Psychoanalytic Society**. Volume II: 1908-1910. New York: International University Press, 1967.

FERENCZI, S. Psicanálise e pedagogia. In: **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

_____. A respeito das psiconeuroses (1909). In: **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

_____. A adaptação da família à criança. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a

_____. A Criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: **Psicanálise IV**. São Paulo, Martins Fontes, 1992b.

_____. Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992c.

FOUCAULT, M. O olho do poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **Dits et écrits III (1954-1988)**. Paris: Gallimard, 1994.

_____. La politique de la santé au XVIII e siècle. In : _____. **Dits et écrits III**. Paris: Gallimard, pp. 13-27, 1994a.

_____. Crise de la médecine or crise de l'antimédecine ? In : _____. **Dits et écrits III**. Paris: Gallimard, pp. 40-58, 1994b.

_____. La naissance de la médecine sociale. In : _____. **Dits et écrits III**. Paris: Gallimard, pp. 207-228, 1994c.

_____. La société disciplinaire en crise. In : _____. **Dits et écrits III**. Paris: Gallimard, pp. 532-534, 1994d.

_____. Les mailles du pouvoir. In : _____. **Dits et écrits IV**. Paris : Gallimard, p182-201, 1994e.

_____. O Sujeito e o poder. In: DREYFUS, L.H. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

- _____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. Aula de 19 de março. In : _____. **Os anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU, 2003.
- _____. **O poder psiquiátrico.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. Diálogo sobre o poder. In : _____. **Estratégia, poder-saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- _____. **O nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. **História da loucura na Idade clássica.** São Paulo: Perspectiva, 2008b.
- _____. O poder, uma besta magnífica. In : _____. **Repensar a política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FRAGUITO, L. (Coord.). **Dificuldades de aprendizagem:** compreender para melhor educar. Revista Sinpro – Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. Rio de Janeiro : Escola do Professor/Departamento de Comunicação do SINPRO-Rio, 2004.
- FREUD, S. **Sobre a tendência universal à depreciação na espera do amor** (1912). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud, Rio.de Janeiro: Imago, Vol. XI, 1970a.
- _____. **Contribuições para uma discussão acerca do suicídio.** (1910). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XI,1970b.
- _____. **Sobre a psicoterapia** (1904) Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol.VII,1972a
- _____.**O mal-estar na civilização** (1929-1930). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI, 1974a.
- _____. **O interesse educacional da psicanálise** (1913). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIII, 1974b.
- _____. **Reflexões para os tempos de guerra e morte.** (1915). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIV, 1974c.

_____. **Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar.** (1914). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIII, 1974d.

_____. **Totem e Tabu** (1913). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIII, 1974e

_____. **Análise terminável e interminável** (1937). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXIII, 1975.

_____. **O esclarecimento sexual das crianças** (1907). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX, 1976a.

_____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (1932-1933). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXII, 1976b.

_____. **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna** (1908). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. IX, 1976c.

_____. **Prefácio à Juventude desorientada** (1925). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago vol. XIX, 1976d.

GÉLIS, J. A individualização da criança. In : **História da vida privada:** vol.3 : da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

GUARIDO, R. A biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: **Simpósio Internacional “A educação medicalizada: dislexia, TDAH e outros transtornos”**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (org.). Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

HARDT, M. **A sociedade mundial de controle.** In : ALLIEZ, Éric (org.). Gilles Deleuze : uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

JANIN, B. La patologización de la infancia. Disponível em : <http://cablemodern.fibertel.com.ar/psidata/noveduc010909/forum.html>
Acesso em: 02 de setembro de 2010.

JOBIM E SOUZA, S. ; CAMERINI, M. F. A. ; MORAIS, M. C. Conversando com crianças sobre escola e conhecimento : a abordagem dialógica e a

crítica do cotidiano In :JOBIM E SOUZA, S. (Org.). **Subjetividade em questão** : a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro/7Letras, 2005.

KLEIN, M. Fundamentos psicológicos da análise infantil. In: **Psicanálise da criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1969.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação : o mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

_____. **Educação para o futuro** : psicanálise e educação. São Paulo: Escuta, 2001.

LAJONQUIÈRE, L. Freud, a educação e as ilusões (psico) pedagógicas. In: **Infância e ilusão (psico) pedagógicas** : escritos de psicanálise e educação. Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

LIMA, R. C. **Somos todos detentos? O TDA/H e a construção de bioidentidades**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

LINS, M. I. A.; Luz, R.. **D. W. Winnicott : experiência clínica e experiência estética**. Rio de Janeiro : Revinter,1998.

LOPARIC, Z. Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. In : **Revista Natureza Humana**, nº 7, julho-dezembro de 2005, p. 311-358.

MACHADO DE ASSIS, José Maria (1896/1997). **Conto de Escola**. Obra Completa, volume II, Conto e teatro. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A.

MANNONNI, N. **Educação impossível**. Rio de Janeiro : Francisco Alves Editora, 1988.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1987.

MRECH, L. M. **Psicanálise e educação : novos operadores de leitura**. São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. (Org.) **O impacto da psicanálise na educação**. São Paulo : Editora Avercamp, 2005.

MOYSÉS, M. A. A. **A institucionalização invisível** : crianças que não aprendem-na-escola. Campinas : Mercado das Letras/ São Paulo : FAPESP, 2001.

MOYSÉS, M. A. A. ; COLLARES, C. A. L. Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica. In: **Simpósio Internacional “A educação medicalizada: dislexia, TDAH e outros transtornos”**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (org.). Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos

silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

NARODOWSKI, M. **Comenius e a educação**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2001

NARODOWSKI, M. **Infância e poder** : conformação da pedagogia moderna. Bragança Paulista : Editora da Universidade São Francisco, 2001.

NEWMAN, Alexander. **As idéias de Winnicott** : um guia. Rio de Janeiro : Imago,2003.

OTTAVIANI, D. Foucault-Deleuze: de la discipline au contôle. In : ARTIÈRES, P. et al. **Lectures de Michel Foucault 2**. Lyon : ENS Éditions, 2003.

OUTEIRAL, J. A escola é a solução para a violência. In : Revista O Globo, ano 2, nº 99, junho 2006, p.38-39.

OUTEIRAL, J. ; CERZER, C. **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro : Revinter, 2003.

PATTO, M. H. de S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Editora T.A. Queiroz, 1990.

PEIXOTO JR., C. A. Uma breve leitura do sintoma social dominante na atualidade. In : _____. **Singularidade e subjetivação** : ensaios sobre clínica e cultura. Rio de Janeiro : 7Letras/Editora PUC-RIO, 2008.

PETRI, R.. **Psicanálise e educação no tratamento da psicose infantil : quatro experiências institucionais**. São Paulo : Annablume/Fapesp, 2003.

PHILLIPS, A.. **Winnicott**. Aparecida, São Paulo : Idéias & Letras, 2006

PLASTINO, C. A.. Winnicott : a fidelidade da heterodoxia. In : BEZERRA Jr, B. ; ORTEGA, F. **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2007.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphic, 1999.

RAFFY, A. **Les psychanalystes et le développement de l'enfant**. Toulouse : Editions Erès, 2000.

REVEL, J. **Michel Foucault** : conceitos essenciais. São Carlso : Claraluz, 2005.

RIBEIRO, L. C. Q.; KOSLINSKI, M. C. A metropolização da questão social e as desigualdades de oportunidades educacionais no Brasil. In : Ribeiro, L. C. Q. et al. **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro : Letra Capital : Observatório da Metrópolis : IPPUR/UFRJ, 2010.

ROSE, S. P.R. **O cérebro do século XXI**: como compreender, manipular e desenvolver a mente. São Paulo: Globo, 2006.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Por que a psicanálise ?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Em defesa da psicanálise**: ensaios e entrevistas. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2009.

SANTA CRUZ, M. A. Desafios da clínica contemporânea: novas formas de “manicomialização”. In: **O sintoma e suas faces**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2006.

SASSO, R. ; VILLANI, A. (Dir.). **Le voculaire de Gilles Deleuze**. Les Cahiers de noesis. Cahier nº 3. Paris: Librairie Plhilosophique J. Vrin, 2003.

SIGAL, A. M. O sintoma e a medicalização. In: FUKS, L. B. ; FERRAZ, F. C.. **O sintoma e suas faces**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2006.

SOUZA, M. P. R. de. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: **Simpósio Internacional “A educação medicalizada: dislexia, TDAH e outros transtornos”**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (org.). Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

VALLEJO, M. **Psicoanálisis y pedagogia**. Un análisis de las Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena (1906-1923). In: Anuario de Investigaciones. Facultad de Psicología, volume XV, tonco II, p.179-186, 2008.

VEIGA-NETO, A. **Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império**. In: RAGO, Margareth & veiga-neto, Alfredo. Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In : _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro : Imago, 1975a.

_____. A localização da experiência cultural. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975b.

_____. O brincar: uma exposição teórica. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975c.

_____. O lugar em que vivemos. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975d

_____. A criatividade e suas origens. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975e

_____. A criança e as outras pessoas. In: _____. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

_____. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In : _____. **O ambiente e os processos de maturação** : estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre : Artmed, 1983a.

_____. Da dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica. In : _____. **O ambiente e os processos de maturação** : estudos sobre a teoria dos desenvolvimento emocional. Porto Alegre : Artmed, 1983b.

_____. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In : _____. **O ambiente e os processos de maturação** : estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre : Artmed, 1983c.

_____. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In : _____. **O ambiente e os processos de maturação** : estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre : Artmed, 1983d.

_____. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

_____. A experiência mãe-bebê de mutualidade. In : _____. **Explorações psicanalíticas** : D. W. Winnicott. Porto Alegre : Artmed, 1994a.

_____. Individuação. In : _____. **Explorações psicanalíticas** : D. W. Winnicott. Porto Alegre : Artmed, 1994b.

_____. O brincar e a cultura. In: _____. **Explorações psicanalíticas**: D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 1994c

_____. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In : _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro : Imago, 2000a.

_____. Pediatría e psiquiatria. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000b.

_____. Psicose e cuidados maternos. In: _____. **Da pediatria à psicanálise : obras escolhidas**. Rio de Janeiro, Imago, 2000c.

_____. Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. **Da pediatria à psicanálise : obras escolhidas**. Rio de Janeiro, Imago, 2000d.

_____. Introdução por Clare Winnicott. In: _____. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 2005a.

_____. A delinquência como sinal de esperança. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo : Martins Fontes, 2005b.

_____. A tendência anti-social. In: _____. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 2005c.

_____. A agressão e suas raízes. In: _____. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 2005d.

_____. Agressão, culpa e reparação. In: _____. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 2005e.

_____. O valor da depressão. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo, Martins Fontes, 2005f.

_____. Carta para Roger Money-Kyrle. In: _____. **O gesto espontâneo**. São Paulo : Martins Fontes, 2005g.

_____. Os efeitos da psicose sobre a vida familiar. In: _____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo : Martins Fontes, 2005h.

_____. O conceito de indivíduo saudável. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes 2005i.

_____. Vivendo de modo criativo. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005j.

_____. **Playing and reality**. London/New York:Routledge, 2005.

9 ANEXO

ANEXO I

CARTA AO DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2009

Ao Departamento Geral de Educação – E/DGED
Solicitação para realização de pesquisa acadêmica nas Unidades Escolares da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro
Solicitante: Mario Orlando Favorito

Aluno do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-RJ

Linha de pesquisa: Psicanálise, clínica e cultura

Orientador: Dr. Carlos Augusto Peixoto Jr.

Título: Mal-estar na escola: tensões entre o singular e o coletivo

Descrição sucinta da área de abrangência da pesquisa, seus objetivos e relevância do estudo

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o mal-estar na escola, no Doutorado em Psicologia Clínica na PUC do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Psicanálise, clínica e cultura.

Esta pesquisa parte da constatação da existência de uma interseção dos sistemas de saúde e de educação que se configura como um locus onde o mal-estar de crianças e de jovens vem sendo encarado sob uma perspectiva composta de contribuições complementares que convergem para a sua medicalização.

Estamos nos referindo ao mal-estar (sofrimento psíquico) que se dá nas relações intersubjetivas, nos grupos e entre os grupos. E mais especificamente, no âmbito de uma forma de captura de processos de subjetivação de crianças e de jovens que se apresenta, desse modo, como uma rede. Constatamos que esta rede é tecida com os fios da psiquiatria biológica (que tem nas promessas da biologia seu fundamento), da pedagogia (que tem na instrumentalização de saberes da psicologia e das “ciências da educação” suas ferramentas), das intervenções clínicas (seja de uma psicanálise com objetivos de adaptação do sujeito, seja de outras práticas “terapêuticas” da mesma ordem) e, finalmente, da família (como instituição na qual se inscreve a responsabilidade pelas crianças e jovens até a idade de sua emancipação legal). Partimos do pressuposto de que esta rede constitui um meio no qual os sujeitos envolvidos em situação de sofrimento psíquico têm, geralmente, sua voz desconsiderada. Certamente, este cenário é muito

complexo e variado, quão variadas são suas modalidades de expressão na sociedade brasileira.

Embora o mal-estar na escola não se restrinja às crianças e aos jovens, pois atinge, igualmente, os adultos envolvidos na dinâmica da vida escolar, enfocaremos em nossa pesquisa, pelo menos inicialmente, as situações em que aqueles estão diretamente envolvidos, na qualidade de sujeitos que não conseguem nomear suas “dificuldades escolares” geradoras de mal-estar. A princípio, parece ser aí, na ausência de uma nomeação do sofrimento pelo próprio sujeito, que se localiza o ponto onde se articulam certos processos de subjetivação molar (G. Deleuze, F. Guattari) em crianças e jovens. No entanto, não descartamos a possibilidade do trabalho se estender e incluir os outros segmentos que compõem o universo escolar, o que dependerá dos desdobramentos a serem construídos, segundo uma perspectiva rizomática (G. Deleuze, F. Guattari) de organização deste trabalho.

De um modo geral, os saberes e práticas psicológicos e médicos quando se voltam para a instituição escolar, na sua vertente cientificista e calcada no modelo naturalista médico, se preocupam com ou geram a expectativa de uma classificação e previsão do comportamento e usam como referência, explícita ou não, os conceitos de normalidade, patologia, função e disfunção. Ao contrário deste enfoque, partimos de uma perspectiva que toma como leme os questionamentos levantados por M. Foucault, G. Deleuze e F. Guattari aos saberes e práticas médicos, psicológicos e psicanalíticos, e por meio destes referenciais pretendemos focalizar mecanismos de exclusão, controle e estigmatização de crianças e jovens que se dão através de tecnologias de dominação que atuam sobre o corpo, classificando e objetivando estes sujeitos. Como exemplo, citamos o diagnóstico de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade que vem sendo aplicado às crianças, aos jovens e também aos adultos, cuja conduta escapa à “normalidade” esperada, especialmente no contexto escolar.

Sabe-se que crianças e jovens que têm sua atuação classificada, segundo a psicologia da educação, sob a denominação “comportamento conturbador” ou “dificuldades comportamentais emocionais”, ou ainda, “dificuldades de aprendizagem”, vêm sendo encaminhadas para serem “tratadas”, sem se levar em conta o papel das instâncias que compõem a rede citada anteriormente na produção do “comportamento” que apresentam. Assim, a desconsideração pelo que ocorre dentro da instituição escolar, com os atravessamentos que a vida escolar comporta, produz o esquecimento de que, muitas vezes, o mal-estar que ocorre ali não resulta de falhas atribuíveis aos sujeitos envolvidos nas atividades inerentes ao funcionamento da escola, ou do que poderíamos denominar de pedagógico propriamente dito e sua eficácia. Nem tampouco da “inadequação” das crianças, jovens e adultos aos modos de funcionamento institucional.

Sobre estas questões temos, por exemplo, em Maud Mannoni (em sua obra *Educação impossível*), a afirmação sobre o quanto escola e sistema de saúde, em aliança, podem contribuir para mecanismos de classificação e exclusão social que atuam nos processos de subjetivação de crianças e jovens. Igualmente, Michel Foucault (em *Vigiar e Punir*), ao caracterizar as sociedades disciplinares, aponta para seus mecanismos de disciplinarização e controle que foram se desenvolvendo e tomando forma nas instituições educacionais e médicas, por exemplo, e também em certos dispositivos de práticas de psicoterapia.

Estes mecanismos e práticas sociais de produção de subjetividades, presentes nas sociedades disciplinares e na atual sociedade de controle, têm se combinado com as vicissitudes pelas quais vêm passando estas duas instituições, a escola e a família, nas quais se depositou a responsabilidade, mormente a partir do desenvolvimento do capitalismo industrial, pela formação e cuidado de crianças e jovens.

A destituição progressiva do poder simbólico destas instituições, desde a segunda metade do século anterior, tem gerado sentimentos de perplexidade e dificuldades nos adultos, sejam os pais, sejam os educadores, para lidar com os “novos modos” de ser criança e de ser adolescente na sociedade contemporânea. Um certo esvaziamento da autoridade dos adultos, para citarmos um aspecto relevante deste cenário, caminha a par tanto do enfraquecimento das relações patriarcais, quanto das novas configurações que as famílias contemporâneas vêm assumindo. Acrescente-se a isto, o desenvolvimento de novas formas de subjetivação impostas às crianças e aos jovens, por exemplo, pela indústria cultural.

Estaríamos, então, diante de processos de assujeitamento e, em consequência de seu impacto, de despotencialização para o viver criativo (Winnicott) na escola, na família, na vida? Diante deste cenário, o que fazer? Lamentar saudosamente como eram bons os tempos de outrora e fazer a apologia do retorno de antigas práticas, ou desentranhar o novo, abrindo-lhe espaço, neste emaranhado estranho e desconcertante?

Relevância desta pesquisa

Portanto, consideramos necessário encontrar caminhos diferentes dos que têm caracterizado as práticas da rede anteriormente aludida, para a compreensão da questão do mal-estar na escola e seus desdobramentos. É, então, nossa intenção repensar este tema conjugando, uma abordagem das denominadas “dificuldades comportamentais emocionais” com base nas concepções sobre o desenvolvimento emocional e o valor do ambiente, tomando como referência as contribuições de S. Férenczi, M. Balint e D. Winnicott, com o que, por outro lado, Michel Foucault e Gilles Deleuze caracterizam como expressões de resistência, suscitadas pelas diferentes formas de poder presentes nas

sociedades disciplinares e de controle. Pensamos que esta seja, talvez, uma forma de escapar das abordagens ingênuas do problema em pauta: o mal-estar na instituição escolar e seu desdobramento sob as diferentes formas da exclusão social e do viver não criativo de crianças, de jovens e de adultos.

Dentre os efeitos dos diferentes modos de exclusão escolar e de despotencialização para o viver criativo da criança, do jovem e dos adultos, são visíveis, mormente, aqueles que brotam nas camadas desfavorecidas economicamente, e que vão contribuir para um destino que se estende desde a marginalização social e econômica até a entrada no crime. Entretanto, nas camadas favorecidas economicamente, não é menor o risco dos desvios não criativos para os quais as crianças e os adolescentes podem se voltar. A diferença das escolhas não criativas, outrora mais determinadas pelas injunções do pertencimento a segmentos sócio-econômicos explorados vem desaparecendo, como se pode constatar, por exemplo, nas notícias publicadas na imprensa que relatam casos de jovens brasileiros de classe média e alta que atuam no tráfico de drogas.

Metodologia

Inicialmente, nos dispomos a apresentar nossas idéias sob a forma de conversa ou palestra (para a direção e seus membros, corpo docente, funcionários, pais e responsáveis, conforme as possibilidades e características da escola). E, posteriormente a esta primeira aproximação, caso haja interesse da direção e da comunidade escolar, nos dispomos a iniciar um trabalho de formação de grupos de palavra, de expressão e de escuta com os membros da comunidade escolar, rompendo com a verticalização que tradicionalmente segrega e individualiza os sujeitos a serem “tratados”, e introduzindo uma prática rizomática (Deleuze e Guattari) de construção grupal horizontalizada para a escuta do mal-estar na escola.

Nosso objetivo é construir dispositivos que possam estabelecer condições para a potencialização e a fluência da vida escolar, nos pontos em que este processo coagulou e onde o mal-estar se apresenta de forma mais evidente, tentando contribuir para a recuperação da função social da escola, partindo de uma escuta clínica institucional dos impasses geradores deste mal-estar, porém sem estabelecer um contorno de segregação dos sujeitos, portanto, não os encarando como o “problema a ser tratado”, tal como, tradicionalmente, certos procedimentos psi recortam a questão.

Ao contrário destes procedimentos, objetivamos contribuir para que os sujeitos que participam da vida institucional escolar (alunos, professores, membros das diferentes instâncias da escola, funcionários, familiares de alunos) possam construir recursos e linhas de fuga, alternativas e grupais, para o mal-estar. Como este pode se apresentar sob

muitos e variados modos, a escuta empática será o ponto de partida e instrumento fundamental para o início do trabalho.

O que pode a escuta psicanalítica na escola? Esta é a questão que nos move e que queremos compartilhar com quem desejar.

Motivo da escolha da Rede Pública Municipal para a pesquisa

Os resultados de uma pesquisa acadêmica devem ser socializados e, assim, colocados à disposição daqueles que a inspiraram, para que estes se apropriem daqueles em seu benefício. O que nos move nesta pesquisa é o leque de dificuldades que a instituição escolar vem encontrando para cumprir sua função social. Tais dificuldades possuem uma vertente micropolítica cujo problematização cremos ser urgente. Muito conhecimento já se produziu sobre as mazelas da educação no nível macropolítico. As ações no nível micropolítico são muito escassas, quase nulas.

Consideramos que a rede pública, em virtude da diversidade de sua clientela, poderá nos oferecer um amplo espectro para nossa pesquisa sobre o mal-estar na escola. Esperamos, com ela, poder contribuir para a melhoria das condições da vida escolar, de acordo com o que expusemos anteriormente.

Cronograma

Início da pesquisa: 26 de outubro de 2009.

Primeiro mês: Apresentação de nossas idéias sob a forma de conversa ou palestra para a direção e seus membros, corpo docente, funcionários, pais e responsáveis, conforme as possibilidades e características da escola.

Formação de grupos de palavra, de expressão e de escuta.

A partir do segundo mês: trabalho com os grupos de palavra, de expressão e de escuta.

Construções de dispositivos alternativos para o mal-estar na escola.

Término: dezembro de 2010. Avaliação do trabalho realizado e desdobramentos possíveis.

Retorno da conclusão da pesquisa à Secretaria Municipal de Educação: a tese, da qual esta pesquisa faz parte, tem sua data de defesa prevista para fevereiro de 2011. Portanto, nos comprometemos a oferecer um retorno com seus resultados em março de 2011.

Para finalizar, nos colocamos à disposição para os esclarecimentos que forem necessários.

Atenciosamente,

Mario Orlando Favorito

Psicanalista, Mestre em Filosofia – PUC-RJ, Doutorando em Psicologia Clínica

Consultório: rua Bambina, 155 ap. 101-frente – Botafogo – Rio de Janeiro

Telefone: 2246-4001 – Celular: 9971-7779

ANEXO II

CARTA DE APRESENTADA ÀS ESCOLAS PARA SOLICITAÇÃO DE CAMPO DE PESQUISA

Rio de Janeiro, 5 de novembro de 2009

Prezado(a) Diretor(a)
Prezados (as) Coordenadores (as) e Professores (as)

Vimos, por meio desta, solicitar contato para a realização de pesquisa acadêmica nesta unidade escolar.

Descrição sucinta da área de abrangência da pesquisa, seus objetivos e relevância do estudo

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre o mal-estar na escola, no Doutorado em Psicologia Clínica na PUC do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Psicanálise, clínica e cultura., sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Augusto Peixoto Jr.

Esta pesquisa parte da constatação da existência de uma interseção dos sistemas de saúde e de educação que se configura como um locus onde o mal-estar de crianças e de jovens vem sendo encarado sob uma perspectiva composta de contribuições complementares que convergem para a sua medicalização.

Estamos nos referindo ao mal-estar (sofrimento psíquico) que se dá nas relações intersubjetivas, nos grupos e entre os grupos. E mais especificamente, no âmbito de uma forma de captura de processos de subjetivação de crianças e de jovens que se apresenta, desse modo, como uma rede. Constatamos que esta rede é tecida com os fios da psiquiatria biológica (que tem nas promessas da biologia seu fundamento), da pedagogia (que tem na instrumentalização de saberes da psicologia e das “ciências da educação” suas ferramentas), das intervenções clínicas (seja de uma psicanálise com objetivos de adaptação do sujeito, seja de outras práticas “terapêuticas” da mesma ordem) e, finalmente, da família (como instituição na qual se inscreve a responsabilidade pelas crianças e jovens até a idade de sua emancipação legal). Partimos do pressuposto de que esta rede constitui um meio no qual os sujeitos envolvidos em situação de sofrimento psíquico têm, geralmente, sua voz desconsiderada. Certamente, este cenário é muito complexo e variado, quão variadas são suas modalidades de expressão na sociedade brasileira.

Embora o mal-estar na escola não se restrinja às crianças e aos jovens, pois atinge, igualmente, os adultos envolvidos na dinâmica da vida escolar, enfocaremos em nossa pesquisa, pelo menos inicialmente, as situações em que aqueles estão diretamente envolvidos, na qualidade de sujeitos que não conseguem nomear suas “dificuldades

escolares” geradoras de mal-estar. A princípio, parece ser aí, na ausência de uma nomeação do sofrimento pelo próprio sujeito, que se localiza o ponto onde se articulam certos processos de subjetivação molar (G. Deleuze, F. Guattari) em crianças e jovens. No entanto, não descartamos a possibilidade do trabalho se estender e incluir os outros segmentos que compõem o universo escolar, o que dependerá dos desdobramentos a serem construídos, segundo uma perspectiva rizomática (G. Deleuze, F. Guattari) de organização deste trabalho.

De um modo geral, os saberes e práticas psicológicas e médicos quando se voltam para a instituição escolar, na sua vertente cientificista e calcada no modelo naturalista médico, se preocupam com ou geram a expectativa de uma classificação e previsão do comportamento e usam como referência, explícita ou não, os conceitos de normalidade, patologia, função e disfunção. Ao contrário deste enfoque, partimos de uma perspectiva que toma como leme os questionamentos levantados por M. Foucault, G. Deleuze e F. Guattari aos saberes e práticas médicos, psicológicos e psicanalíticos, e por meio destes referenciais pretendemos focalizar mecanismos de exclusão, controle e estigmatização de crianças e jovens que se dão através de tecnologias de dominação que atuam sobre o corpo, classificando e objetivando estes sujeitos. Como exemplo, citamos o diagnóstico de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade que vem sendo aplicado às crianças, aos jovens e também aos adultos, cuja conduta escapa à “normalidade” esperada, especialmente no contexto escolar.

Sabe-se que crianças e jovens que têm sua atuação classificada, segundo a psicologia da educação, sob a denominação “comportamento conturbador” ou “dificuldades comportamentais emocionais”, ou ainda, “dificuldades de aprendizagem”, vêm sendo encaminhadas para serem “tratadas”, sem se levar em conta o papel das instâncias que compõem a rede citada anteriormente na produção do “comportamento” que apresentam. Assim, a desconsideração pelo que ocorre dentro da instituição escolar, com os atravessamentos que a vida escolar comporta, produz o esquecimento de que, muitas vezes, o mal-estar que ocorre ali não resulta de falhas atribuíveis aos sujeitos envolvidos nas atividades inerentes ao funcionamento da escola, ou do que poderíamos denominar de pedagógico propriamente dito e sua eficácia. Nem tampouco da “inadequação” das crianças, jovens e adultos aos modos de funcionamento institucional.

Sobre estas questões temos, por exemplo, em Maud Mannoni (em sua obra *Educação impossível*), a afirmação sobre o quanto escola e sistema de saúde, em aliança, podem contribuir para mecanismos de classificação e exclusão social que atuam nos processos de subjetivação de crianças e jovens. Igualmente, Michel Foucault (em *Vigiar e Punir*), ao caracterizar as sociedades disciplinares, aponta para seus mecanismos de disciplinarização e controle que foram se desenvolvendo e tomando forma nas

instituições educacionais e médicas, por exemplo, e também em certos dispositivos de práticas de psicoterapia.

Estes mecanismos e práticas sociais de produção de subjetividades, presentes nas sociedades disciplinares e na atual sociedade de controle, têm se combinado com as vicissitudes pelas quais vêm passando estas duas instituições, a escola e a família, nas quais se depositou a responsabilidade, mormente a partir do desenvolvimento do capitalismo industrial, pela formação e cuidado de crianças e jovens.

A destituição progressiva do poder simbólico destas instituições, desde a segunda metade do século anterior, tem gerado sentimentos de perplexidade e dificuldades nos adultos, sejam os pais, sejam os educadores, para lidar com os “novos modos” de ser criança e de ser adolescente na sociedade contemporânea. Um certo esvaziamento da autoridade dos adultos, para citarmos um aspecto relevante deste cenário, caminha a par tanto do enfraquecimento das relações patriarcais, quanto das novas configurações que as famílias contemporâneas vêm assumindo. Acrescente-se a isto, o desenvolvimento de novas formas de subjetivação impostas às crianças e aos jovens, por exemplo, pela indústria cultural.

Estaríamos, então, diante de processos de assujeitamento e, em consequência de seu impacto, de despotencialização para o viver criativo (Winnicott) na escola, na família, na vida? Diante deste cenário, o que fazer? Lamentar saudosamente como eram bons os tempos de outrora e fazer a apologia do retorno de antigas práticas, ou desentranhar o novo, abrindo-lhe espaço, neste emaranhado estranho e desconcertante?

Relevância da pesquisa

Portanto, consideramos necessário encontrar caminhos diferentes dos que têm caracterizado as práticas da rede anteriormente aludida, para a compreensão da questão do mal-estar na escola e seus desdobramentos. É, então, nossa intenção repensar este tema conjugando, uma abordagem das denominadas “dificuldades comportamentais emocionais” com base nas concepções sobre o desenvolvimento emocional e o valor do ambiente, tomando como referência as contribuições de S. Férenczi, M. Balint e D. Winnicott, com o que, por outro lado, Michel Foucault e Gilles Deleuze caracterizam como expressões de resistência, suscitadas pelas diferentes formas de poder presentes nas sociedades disciplinares e de controle. Pensamos que esta seja, talvez, uma forma de escapar das abordagens ingênuas do problema em pauta: o mal-estar na instituição escolar e seu desdobramento sob as diferentes formas da exclusão social e do viver não criativo de crianças, de jovens e de adultos.

Dentre os efeitos dos diferentes modos de exclusão escolar e de despotencialização para o viver criativo da criança, do jovem e dos adultos, são visíveis, mormente, aqueles

que brotam nas camadas desfavorecidas economicamente, e que vão contribuir para um destino que se estende desde a marginalização social e econômica até a entrada no crime. Entretanto, nas camadas favorecidas economicamente, não é menor o risco dos desvios não criativos para os quais as crianças e os adolescentes podem se voltar. A diferença das escolhas não criativas, outrora mais determinadas pelas injunções do pertencimento a segmentos sócio-econômicos explorados vem desaparecendo, como se pode constatar, por exemplo, nas notícias publicadas na imprensa que relatam casos de jovens brasileiros de classe média e alta que atuam no tráfico de drogas.

Tendo, então, apresentado muito sucintamente algumas questões de base que estamos desenvolvendo em nossa pesquisa no Doutorado em Psicologia Clínica na PUC do Rio de Janeiro, estamos solicitando um contato com os membros da direção e coordenação desta escola.

Metodologia

Inicialmente, nos dispomos a apresentar nossas idéias sob a forma de conversa ou palestra (para a direção e seus membros, corpo docente, funcionários, pais e responsáveis, conforme as possibilidades e características da escola). E, posteriormente a esta primeira aproximação, caso haja interesse da direção e da comunidade escolar, nos dispomos a iniciar um trabalho de formação de grupos de palavra, de expressão e de escuta, rompendo com a verticalização que tradicionalmente segrega e individualiza os sujeitos a serem “tratados”, e introduzindo uma prática rizomática (Deleuze e Guattari) de construção grupal horizontalizada para a escuta do mal-estar na escola.

Nosso objetivo é construir dispositivos que possam estabelecer condições para a potencialização e a fluência da vida escolar, nos pontos em que este processo coagulou e onde o mal-estar se apresenta de forma mais evidente, tentando contribuir para a recuperação da função social da escola, partindo de uma escuta clínica institucional dos impasses geradores deste mal-estar, porém sem estabelecer um contorno de segregação dos sujeitos, portanto, não os encarando como o “problema a ser tratado”, tal como, tradicionalmente, certos procedimentos psi recortam a questão.

Ao contrário destes procedimentos, objetivamos contribuir para que os sujeitos que participam da vida institucional escolar (alunos, professores, membros das diferentes instâncias da escola, funcionários, familiares de alunos) possam construir recursos e linhas de fuga, alternativas e grupais, para o mal-estar. Como este pode se apresentar sob muitos e variados modos, a escuta empática será o ponto de partida e instrumento fundamental para o início do trabalho.

O que pode a escuta psicanalítica na escola? Esta é a questão que nos move e que queremos compartilhar com quem desejar.

Motivo da escolha da Rede Pública Municipal para a pesquisa

Os resultados de uma pesquisa acadêmica devem ser socializados e, assim, colocados à disposição daqueles que a inspiraram, para que estes se apropriem daqueles em seu benefício. O que nos move nesta pesquisa é o leque de dificuldades que a instituição escolar vem encontrando para cumprir sua função social. Tais dificuldades possuem uma vertente micropolítica cujo problematização cremos ser urgente. Muito conhecimento já se produziu sobre as mazelas da educação no nível macropolítico. As ações no nível micropolítico são muito escassas, quase nulas.

Consideramos que a rede pública, em virtude da diversidade de sua clientela, poderá nos oferecer um amplo espectro para nossa pesquisa sobre o mal-estar na escola. Esperamos, com ela, poder contribuir para a melhoria das condições da vida escolar, de acordo com o que expusemos anteriormente.

Cronograma

Novembro/dezembro de 2009: Apresentação de nossas idéias sob a forma de conversa com a direção, coordenações e corpo docente.

Conforme as possibilidades e características de cada escola, poderá haver palestras com estes e outros segmentos da comunidade escolar e com os pais e responsáveis no início e ao longo do ano letivo de 2010.

Início do ano letivo de 2010: Formação de grupos de palavra, de expressão e de escuta.

Ao longo de 2010: Trabalho com os grupos de palavra, de expressão e de escuta.

Construções de dispositivos alternativos para o mal-estar na escola.

Término: dezembro de 2010. Avaliação do trabalho realizado e desdobramentos possíveis.

Retorno da conclusão da pesquisa à Secretaria Municipal de Educação: a tese, da qual esta pesquisa faz parte, tem sua data de defesa prevista para fevereiro de 2011. Portanto, nos comprometemos a oferecer um retorno com seus resultados em março de 2011.

Para finalizar, nos colocamos à disposição para os esclarecimentos que forem necessários.

Atenciosamente,

Mario Orlando Favorito - Psicanalista

Mestre em Filosofia – PUC-RJ - Doutorando em Psicologia Clínica – PUC-RJ

Consultório: rua Bambina, 155 ap. 101-frente – Botafogo

Telefone: 2246-4001 – Celular: 9971-7779